

FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: UM ESTUDO COM EGRESSOS DO PPGEPI/IFRN DE 2018 À 2022

Luis Claudio Machado Ferreira ¹

Artur Fabiano Araújo de Albuquerque ²

Ana Lúcia Sarmiento Henrique ³

Andreza Maria Batista do Nascimento Tavares ⁴

RESUMO

Como parte da pesquisa: Formação Docente para EPT e/ou EJA-EPT – um olhar sobre a formação inicial e continuada, considerando as dimensões ética, estética, técnica, epistemológica, política, perfil e lócus de formação, o presente trabalho objetiva analisar e discutir criticamente os sentidos atribuídos pelos discentes/egressos do PPGEPI-IFRN sobre essas dimensões para a formação docente em EPT. Para isso, questionando: que sentidos são atribuídos sobre essas dimensões pelos discentes/egressos dos anos de 2018 à 2022, foi adotado como percurso metodológico uma pesquisa exploratória do tipo qualitativa e revisão bibliográfica, com a aplicação de uma entrevista semiestruturada, cujos resultados foram analisados sob à luz da análise textual discursiva (ATD). Autores como: Pegorini (2020), Moura (2014), Machado (2015), Ghedin (2009), dentre outros, serviram como base para análise e discussão da temática em estudo. Percebe-se que os achados se direcionam para uma formação que se alinha com a emancipação humana diante de um fazer ético e estético comprometido com uma Educação que está inserida nos modos de produção capitalista, reconhecendo que o principal papel do professor na educação profissional é a formação do cidadão crítico dentro da perspectiva da politecnia, reconhecendo as totalidades enquanto realidades a serem observadas e permanentemente investigadas por estes profissionais da educação.

Palavras-chave: Formação Docente; Formação Inicial e Continuada; Educação Profissional.

INTRODUÇÃO

A educação profissional não há muito, pelo contrário, tem se constituído num campo de disputas, sendo vista de formas diferentes ao longo tempo. Especialmente porque o sistema de educação escolar de uma sociedade é historicamente datado e situado, sendo produto de um complexo movimento de construção e reconstrução, oriundo, por sua vez, de fatores socioeconômicos e político-culturais que definem o contexto em que os diferentes agentes sociais vão agir.

¹ Mestrando da Pós Graduação em EPT do Instituto Federal do RN - RN, luis.ferreira@escolar.ifrn.edu.br;

² Doutorando da Pós Graduação em EPT do Instituto Federal do RN - RN, artur.fabiano@escolar.ifrn.edu.br;

³ Docente da Pós Graduação em EPT do Instituto Federal do RN - RN, ana.henrique@ifrn.edu.br;

⁴ Docente da Pós Graduação em EPT do Instituto Federal do RN - RN, andreza.tavares@ifrn.edu.br;

Disso partindo, o presente trabalho, como parte da pesquisa: Formação Docente para EPT e/ou EJA-EPT – um olhar sobre a formação inicial e continuada, considerando as dimensões ética, estética, técnica, epistemológica, política, perfil e lócus de formação, objetiva analisar e discutir criticamente os sentidos atribuídos pelos discentes/egressos do PPGEP-IFRN sobre essas dimensões para a formação docente em EPT.

Para isso, questionando: que sentidos são atribuídos sobre essas dimensões pelos discentes/egressos do PPGEP, adotou-se como percurso metodológico uma pesquisa exploratória do tipo qualitativa e revisão bibliográfica, com a aplicação de uma entrevista semiestruturada, cujos resultados foram analisados sob à luz da análise textual discursiva (ATD). Tendo em vista que esta se apresenta como abordagem de análise de dados que permeia entre duas formas de análise de pesquisa, sendo elas: a de conteúdo e a de discurso e que “[...] tende a assumir entendimentos que a situam entre essas duas abordagens de análise, focalizando geralmente a profundidade e complexidade dos fenômenos” (MORAES & GALIAZZI, 2016, p. 182).

Os sujeitos da pesquisa, foi composto pelos discentes/egressos do programa dos anos de 2018 à 2022, haja visto que ser esse o período em que alunos da primeira e última turma foram graduados a nível de mestrado e/ou doutorado. Deu-se preferência àqueles egressos que atuam como docentes, por viverem as relações professor/aluno/sala de aula e a dialogicidade teoria e prática, educação e trabalho.

Autores como: Pegorini (2020), Moura (2014), Machado (2015), Ghedin (2009), dentre outros, serviram como base para análise e discussão do objeto em estudo. A partir de entrevistas realizadas com cinco estudantes egressos do PPGEP/IFRN, entre Mestres e Doutores que estudaram no período entre 2018 e 2021, foi possível realizar a presente investigação. Foram analisadas as dimensões perfil e lócus, ética e estética, técnica, epistemologia e política, a partir do referencial teórico descrito anteriormente. Ao evocar algumas vozes dos entrevistados neste estudo, iremos nos referir aos códigos a eles dados, sendo eles EE1, EE2, EE3, EE4 e EE5.

Perfil e Lócus da Formação Docente para EPT

Muitas e diversas foram e são as discussões sobre a educação profissional (assim como a formação docente) no decorrer da sua história. Ver-se que se atribui o seu início a partir dos anos de 1900, mais precisamente em 1909, no período republicano, quando da criação das “Escolas de Aprendizes Artífices”, destinadas ao ensino profissional,

primário e gratuito, estabelecendo-se como marco do início da Educação Profissional e Tecnológica como política pública no Brasil. (BRASIL, 2023). Embora, observou-se sua existência e ação desde o período colonial, de acordo com Manfredi, (2016), Caires, (2016), Pegorini (2020), dentre outros.

Conforme destaca Pegorini (2020) abordando a história e a evolução da formação do trabalhador brasileiro e da educação profissional - como hoje a conhecemos - relacionando o trabalho realizado nesse período colonial e a formação humana, ela espessa que a formação profissional, ainda que oferecida informalmente (pelos então formadores: os jesuítas), não fazia parte das orientações educacionais pensadas à nação para os primeiros trabalhadores dessa terra. Ou seja:

“[...] a instrução profissional foi ofertada exclusivamente por força do contexto socioeconômico a ser desbravado no Brasil, onde havia muito a fazer. Por isso os índios e os escravos foram os primeiros aprendizes de ofício em um cenário impregnado de servidão. Esse foi o início do ensino em nosso país.” (PEGORINI, 2020, p. 28)

Daí percebe-se não a oficialização, mas a ação da educação profissional e formação do trabalhador conforme a necessidade educacional e visão de trabalho do então país. O que trouxe a discussão - ainda hoje – do qual é o primeiro tópico proposto desse trabalho: qual o perfil e o lócus para a formação (docente) para a EPT, para agora, no entender dos discentes/egressos do PPGEPI-IFRN?

Conforme visto acima, de forma bem embrionária, inicialmente do que se pensava para a educação profissional e a formação, não era formar formadores para essa modalidade de ensino, algo que, embora desde a expulsão dos jesuítas em 1759, o sistema educacional brasileiro viu-se com a necessidade de formar novos profissionais professores – tarefa que se revelou bastante complexa, frente ao tempo que se requeria e se requer para essa formação – “efetivou-se” somente na época da primeira república (1889-1930). E, sendo discutida ainda hoje sob os inúmeros debates, estudos, políticas, legislações e programas, vale salientar que as políticas de formação inicial e continuada de professores para a educação profissional, ainda ocupam um espaço não muito significativo nas pesquisas realizadas nos cursos de *strito-sensu*. (PEGORINI, 2020).

Porém, referente ao perfil do docente para a EP, podemos trazer para estudo dois pontos de discussão: primeiro, os que atuam na educação profissional, que Moura (2014) aponta a existência de 4 (quatro) perfis profissionais distintos, sendo eles: Os

profissionais não graduados que atuam na EP; os bacharéis ou graduados em cursos superiores de tecnologia, mas não licenciados; os licenciados em disciplinas da educação básica em exercício na EP; e os que ainda se formarão; segundo, os saberes exigidos para exercer a docência na EP. Ponto esse discutido tanto por Machado (2015), Morais e Henrique (2016), Ghedin (2009) e outros.

No caso do primeiro ponto de discussão, conforme Moura (2008, p. 31), distinguindo o perfil do profissional docente, ele coloca que do primeiro grupo a maior incidência está nas organizações privadas, incluindo o Sistema “S”, e nas ONGs. Sendo fundamental buscar a melhor formação profissional desses docentes tanto na perspectiva dos conhecimentos específicos da área profissional em que atuam, “[...] como no que se refere à formação didático-político-pedagógica e, sempre que possível, conjugar o atendimento às duas necessidades em um único processo formativo”.

Ao segundo grupo, segundo Moura, há que se adotar estratégias de curto prazo para uma formação específica na esfera educacional, tendo em vista que são bacharéis que exercem a docência sem ter formação para tal, ou seja; engenheiros, arquitetos, contadores, administradores e outros, estando a maioria deles nos sistemas/redes públicas dos estados, dos municípios e da União.

Para o terceiro grupo, o autor expressa que:

“[...] é fundamental que o docente tenha uma formação continuada específica que lhe aproxime à problemática das relações entre trabalho e educação e ao vasto campo da educação profissional no sentido de estabelecer as conexões entre essas disciplinas e a formação profissional específica, contribuindo para a integração entre trabalho, ciência, tecnologia e cultura.” (MOURA 2014, p 88-89)

Por fim, ao quarto grupo é necessário formular uma política perene e definitiva em substituição às duradouras e pouco eficientes soluções emergenciais. Embora, nesse caso, por haver diversas nuances, o autor não considera “[...] apropriado que isso signifique concentrar todos os esforços em um único tipo de oferta.” (MOURA, 2008, p. 33)

Referente ao segundo ponto de discussão podemos trazer à nossa reflexão Machado (2008, p. 15) que coloca que as exigências com relação ao perfil dos docentes da educação profissional estão, hoje, mais elevadas. Um perfil de docente capaz de desenvolver pedagogias do trabalho independente e criativo, construir a autonomia progressiva dos alunos e participar de projetos interdisciplinares. Entendendo e

reconhecendo que “[...] a docência é muito mais que mera transmissão de conhecimentos empíricos ou processo de ensino de conteúdos fragmentados e esvaziados teoricamente.”

Algo que ainda que não alcançando o perfil ideal, porém não deve ser distante do real, ante a realidade do tipo de educação vivida nessa modalidade de ensino, esta que tem se tornado espaço de desafios e disputas no contexto socioeconômico vigente, um regime de acumulação capitalista e neoliberal, conforme mostram Moura (2014) e Kuenzer (2011). E, para que haja uma perspectiva de mudança e transformação de tal realidade, o professor deve assumir a responsabilidade ético-política em seu fazer educativo, compreendendo a educação como possibilidade de transformação das pessoas bem como da própria sociedade. Acrescentando que, este tipo de educação no Brasil encontra-se distante de sua efetividade, uma vez que a educação brasileira foi ao longo da história um instrumento a serviço da manutenção do poder, como lembram Morais e Henrique (2016).

Não por acaso, por sua vez, Machado (2015) coloca que:

“É pressuposto básico que o docente de educação profissional seja, essencialmente, um sujeito da reflexão e da pesquisa, aberto ao trabalho coletivo e à ação crítica e cooperativa, comprometido com sua atualização permanente na área de formação específica e pedagógica, que tem plena compreensão do mundo do trabalho e das redes de relações que envolvem as modalidades, níveis e instâncias educacionais, conhecimento da sua profissão, de suas técnicas, bases tecnológicas e valores do trabalho, bem como dos limites e possibilidades do trabalho docente que realiza e precisa realizar”. (MACHADO, 2015, p.17)

Diante disso, em categorização das respostas dos discentes/egressos do PPGEP, percebe-se que eles não fizeram referência aos docentes que atuam na EP, mas pautam-se em discutir o segundo ponto quando revelam que os saberes docentes:

“[...] deve transcender para uma formação humana, entender os sujeitos, como o sujeito que pensa os processos, precisa pensar na humanização, sujeito humano integral, [...]” (EE3)

“Os saberes, eu acredito muito que ele precisa entender que a EP tem um perfil de formar pra o mundo do trabalho, né?” (EE2)

Destacando-se que tais respostas foram fundamentadas, conforme os entrevistados, devido a sua vivência no programa do PPGEP, não somente na consolidação, mas na mudança de concepções e suas conseqüentes práticas educativas. A exemplo:

‘[...]o Mestrado em educação profissional no PPGEF foi muito importante porque atualizei e ampliei conhecimentos na área da docência, os princípios da construção de conteúdos ampliaram os conhecimentos necessários à minha formação.’ (EE1)

“Sim, com certeza facilitou o aprimoramento dos princípios dos conhecimentos para além da formação humana integral.” (EE2)

“[...] E, se eu não souber delimitar qual é o papel da arte dentro da formação que eles estão tendo lá, que é uma formação humana integral, eles vão pensar sempre no técnico, sempre na formação técnica, e não vão dar valor a minha disciplina, à sociologia, à filosofia.” “E, compreender isso da formação humana, pra mim, eu consegui a partir do que eu vivenciei aqui.” (EE3)

Eles buscam expressar que fazem parte na constituição do perfil do docente para a EP, o entendimento dos sujeitos que pensam os processos, formando-os para o mundo do trabalho com a aquisição de competências profissionais na perspectiva dialética e atuando em uma perspectiva reflexiva com o fim de compreender o que é formação humana integral.

Os egressos identificam que o lócus dessa formação deveria transcender o próprio IFRN, este um dos espaços que a educação profissional já lhe própria. Mas deveria expandir a outros espaços, especialmente as universidades, conforme fala o egresso 2:

“Só que, pra mim, toda a universidade, não só os IFs, eles são espaços de formação para a educação profissional, porque você está sempre sendo formado para o trabalho.” (EE2)

Embora, nesse âmbito, Moura (2014) coloca que para a oferta de licenciatura específica para a EPT, é necessário aprofundar a análise sobre a viabilidade dessa alternativa no momento atual. Tendo em vista que não parece haver uma materialidade na sociedade brasileira que leve um jovem que concluiu (ou está concluindo) o ensino médio de caráter propedêutico, preparando-se para ingressar no ensino superior, vislumbre como itinerário de formação em nível superior a docência voltada para a EPT. Ainda que o autor coloque como possibilidades que se configuram para que isso aconteça: a oferta de licenciaturas para a EP destinada aos concluintes de cursos técnicos de nível médio; e/ou integrar as licenciaturas para a EP aos cursos superiores de tecnologia - proposta que ganha força nesse campo - pois assim, o profissional formado estaria habilitado, ao mesmo tempo, como tecnólogo e como professor da EP na mesma área.

Ética e Estética na Formação Docente para EPT

O docente tem um papel crucial e importante na condução de sua prática profissional, a qual tem como foco principal, o da formação de indivíduos para a cidadania e que se respaldem em atitudes éticas na sociedade. Esta ação perpassa pela própria formação do Educador. Ghedin (2009), nos apresenta que “o professor, no espaço da escola, de sua formação inicial e de sua formação continuada torna-se aquele sujeito que assume a responsabilidade ética com todo o processo formativo sob o qual a humanidade se atualiza e se reatualiza” (GHEDIN, 2009, p. 12). A ética, portanto, será um dos principais alicerces do fazer docente, desde a sua formação, ao permanente aperfeiçoamento e ao constante exercício laboral.

Ser um profissional ético se pauta no compromisso de construir sua trilha sob a égide de uma responsabilidade consigo mesmo, baseando suas práticas que se destacarão diante desse seu agir, o qual se resguarda na ética. Nesse sentido, é então construído o compromisso de se tornar um professor reconhecido pelo seu papel profissional. Com o reconhecimento diante desse papel profissional bem desenvolvido, Rios (2011) explicita que é então constituído a identidade, uma vez que há uma “consideração de si mesmo e do outro” (RIOS, 2011, p. 231), caracterizando definitivamente que essa prática docente, esse agir profissional se reveste de uma ética que reveste todo esse ser professor.

A partir da ATD realizada, vemos nas falas dos entrevistados abaixo o seguinte:

“Sobre a ética, entendo que se trata de uma dimensão que nenhuma pessoa ou profissional de perder de vista. Sem ela, é possível colocar em risco os valores fundamentais que devem permear as relações interpessoais, como: respeito, compreensão, tolerância, igualdade, diversidade” (EE5)

“o profissional que não detém dos saberes éticos não tem como ser no processo de sala de aula, para um processo formativo se necessita da ética” (EE4)

Dessa forma, é possível verificar que a ética é um processo que permeia a prática docente, é elemento essencial para a sala de aula e não se concebe um docente, sua formação e sua ação pedagógica com os alunos sem a condição ética.

Quando nos referimos a estética é impossível não nos referendarmos em Paulo Freire (1996), ao tratar da boniteza e do caráter formador que o docente necessita se revestir, ante a estética em sua prática. O mesmo pesquisador nos brinda ao apresentar o

necessário revestimento de pureza nas nossas práticas docentes. É, portanto, o estético a dimensão que traz esse caráter libertador do conteúdo em si, mas que nos instiga a ter uma decência rigorosa para nossa prática, para enxergarmos nossa prática em sua beleza.

Egressos do PPGEP/IFRN, nos mostraram sua percepção sobre a estética:

“Um ser alinhado um currículo na perspectiva de mudança, algo que seja bonito, objetivo” (EE3);

“Segundo Hegel, a estética é uma ciência que lida somente com o belo artístico, excluindo, portanto, o belo natural” (EE1).

Aglutinando essas falas, entendemos como a estética na prática docente aquela que se alinha nas atitudes, nas relações interpessoais. É esse modo de reconhecer o bonito ou o belo como instância necessária ao nosso fazer docente que faz da estética uma dimensão necessária para a prática do professor na educação profissional.

Não devemos perder de vista o que Paulo Freire se refere à ética e a estética estarem juntas, no que diz respeito da “necessária promoção da ingenuidade à criticidade” (FREIRE, 1996, p. 16), uma vez que esse desenvolvimento crítico se dá através da condição de se situar como ser humano, com intervenções, decisões, escolhas e outras ações mais pontuadas por este célebre pesquisador.

Ao discutir a ética e a estética na prática docente, torna-se salutar compreendermos essa prática enquanto *práxis*, uma vez que toda ação educativa deve ser verificada dentro de uma teoria, sendo necessário uma reflexão mais apurada do fenômeno educativo, principalmente dentro do contexto da Educação Profissional. A atividade docente está inserida dentro do modo de produção capitalista e não possui uma materialidade vista a nossos olhos e sim, um valor simbólico e social na construção efetiva do conhecimento e no desenvolvimento de cidadãos críticos. Dessa maneira:

“Compreende-se a *práxis* como ação humana transformadora, prática eivada e nutrida de teoria e, por isso, capaz de superar os primeiros estágios do pensamento – constatação e compreensão da realidade – para constituir um pensamento novo que, ao ser colocado em prática, pode transformar esta realidade” (SILVA, 2017, p. 121)

É preciso também não esquecer da contribuição de Marx para compreendermos essa *práxis* na Educação, pois é a partir dos modos de produção do capitalismo que necessitamos nos ater, tendo consciência do nosso fazer pedagógico.

“O cerne da práxis – em sentido marxiano – está contido nos estudos desenvolvidos por Marx e Engels. Para além de uma análise acerca do modo de produção capitalista, eles desenvolveram um construto teórico e científico fundamental para a compreensão a respeito da práxis e da dialética” (MORAIS; HENRIQUE; CAVALCANTE, 2019, p. 190).

A criticidade é um elemento essencial na ação pedagógica, principalmente na consideração dessa ação sendo realizada com fundamentação ética e estética. Com essas ações, “vinculadas a Pedagogia da Práxis, podemos identificar as formulações críticas que propugnam uma educação referenciada em conceitos marxistas e gramscianos como escola unitária, politecnicidade e formação omnilateral” (ARAÚJO, 2008, p. 55). Assim, pensar nossa prática dentro da realidade da Educação Profissional, tendo a criticidade, a ética e a estética como elementos que balizam e qualificam a prática docente enquanto *práxis*, contribui na reflexão de que precisamos saber nos situar, nos posicionar e equilibrar nossas ações, ante a sociedade capitalista, reconhecendo o valor simbólico de nosso fazer educativo.

Técnica e Política na Formação Docente

Retomando as falas dos egressos 1 e 3, referente as dimensões técnica e política, eles expressam:

“A dimensão técnica e metodológica da função docente ocupa lugar de destaque, de forma que o ato educativo, sua finalidade e seus objetivos passam a ser percebidos como algo passível de ser mensurado e controlado.”

“A simples escolha dos procedimentos didáticos e na maneira como são trabalhados os conteúdos em sala de aula se considera uma dimensão política que pode ser constatada”. (EGRESSO 1)

“[...] não está só vinculada só com o fazer, mas entender de metodologia, de didática, o fazer em sala de aula, ser compreendido em sala de aula. [...] Cada docente tem o seu modo.”

“Não reconhecer a educação como ato de conhecimento e não vê-la como um ato político, é não compreender os interesses que movem a sociedade e o seu potencial transformador. (EGRESSO 3)

Diante disso, Ghedin (2009, p. 24-25) ressalta, que quando faz referência a dimensão técnica não está falando de instrumentos tecnicistas e mecânicos, mas “[...] do domínio de métodos e de procedimentos de ensino e de aprendizagem”. Pois, além de dominar conhecimentos específicos, é preciso desenvolver um conjunto de habilidades

didáticas e de fazeres que permitam ao professor perceber como ele deve conduzir o processo de aprendizagem. Isto é, dos procedimentos metodológicos, dos instrumentos necessários para que se possa ensinar e simultaneamente, tendo um compromisso político, não partidário, mas algo decisivo na formação da consciência crítica que permite entender os discursos, as ideologias, o modo como a sociedade se organiza, e suas relações de poder e de produção.

Da mesma forma Moura (2014) ao informar que importa compreender que só se pode ensinar o que se domina em profundidade, o professor tem que ter competência técnica sobre sua disciplina/área específica de atuação, dominando os conhecimentos necessários ao saber ensinar o que ele domina em seu campo científico-tecnológico específico integrada a dimensão política da formação humana. Que, por sua vez, corrobora com esse discurso Saviani (2012) ao dizer que é isso o que se quer dizer quando se afirma que a educação é um ato político, não neutro e intencional. Pois:

“[...] significa, no quadro social, dizer que a educação não está divorciada das características da sociedade: ao contrário, ela é determinada pelas características básicas da sociedade na qual está inserida. E, quando a sociedade é dividida em classes cujos interesses são antagônicos, a educação serve a interesses de uma ou de outra das classes fundamentais”. (SAVIANI, 2012, p. 2)

Enquanto a dimensão técnica da formação do educador, Saviani (1996), reporta a ser um saber didático-curricular, conhecimentos relativos a organização e realização da atividade educativa o âmbito da relação educador/educando, o domínio do saber-fazer que vai além dos procedimentos teóricos-metodológicos, mas que alcança a dinâmica do trabalho pedagógico como uma estrutura bem articulada de agentes, conteúdos, instrumentos e procedimentos que se movimentam no espaço e tempo pedagógicos, visando a atingir objetivos intencionalmente formulados.

Ambas as dimensões observadas e bem consolidadas pelas respostas dos discentes, e que mais uma vez atribuem ao tempo de estudo no PPGE, a aquisição que o modo de refletir, ficou mais apurado e mais ousado. “Quem passa pelo PPGE fica mais ousado. Ali nós debatemos sobre as classes populares, muda seu modo de pensar e de fazer” (EGRESSO 3); e “Sim, causaram mudanças significativas direcionadas por professores capacitados e obstinados, estimulando os alunos a construir os conhecimentos e ampliar habilidades [...]” (EGRESSO 1)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados se direcionam para uma formação que se alinha com a emancipação humana diante de um fazer ético e estético comprometido com uma Educação que está inserida nos modos de produção capitalista, reconhecendo que o principal papel do professor na educação profissional é a formação do cidadão crítico dentro da perspectiva da politecnia. É preciso, portanto, que os docentes desta modalidade de educação, reconheçam as totalidades dos estudantes enquanto realidades a serem observadas e permanentemente investigadas por estes profissionais da educação. A formação inicial e continuada devem ser de forma permanente, observadas, discutidas e trazidas para o debate, em formato científico para o levantamento de alternativas metodológicas e aprimoramento das ações docentes.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Ronaldo Marques de Lima. **Formação de Docentes para a Educação Profissional e Tecnológica: por uma Pedagogia Integradora da Educação Profissional.** Trabalho e Educação. Vol. 17, n. 02, p. 53 – 63, maio/agosto, 2008.
- BRASIL, **Histórico da EPT.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/educacao-profissional-e-tecnologica-ept/historico-da-ept>. Acesso em: 17 de março 2023.
- CAIRES. Vanessa Guerra, **Educação profissional brasileira: da colônia ao PNE 204-2024,** Petropolis, RJ, vozes, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GHEDIN, Evandro. **Tendências e dimensões da formação do professor na contemporaneidade.** In. CONPEF IV, Anais... julho de 2009, p. 1-28. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/conpef/conpef4/trabalhos/evandroghedinconferenciaabertura.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2023.
- KUENZER. Acacia Zeneida. **A formação de professores para o ensino médio: velhos problemas, novos desafios.** Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 116, p. 667-688, jul.-set. 2011 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 25 de mar de 2023.
- MACHADO, Lucília. **Diferenciais inovadores na formação de professores para a educação profissional.** Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 8–22, 2015. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/2862>. Acesso em: 25 mar. 2023.

MANFREDI, Silvia Maria. **Educação Profissional no Brasil: Atores e cenários ao longo da história.** Jundiaí: Paco Editorial, 2016. 476p.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva.** 3ª Ed. Ijuí/RS: Editora Unijuí, 2016.

MORAIS, João Kaio Cavalcante de; HENRIQUE, Ana Lúcia Sarmiento. **O Professor Licenciado na Educação Profissional: quais são os saberes docentes que alicerçam seu trabalho?** Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, [S. l.], v. 1, n. 7, p. 66–74, 2016.

MORAIS, João Kaio Cavalcante de; HENRIQUE, Ana Lúcia Sarmiento; CAVALCANTE, Ilane Ferreira. **O Professor da Educação Profissional enquanto sujeito da Práxis Revolucionária.** Cadernos de Pesquisa, São Luís, v. 26, n. 4, p. 186-199, out./dez. 2019.

MOURA, Dante Henrique. **Trabalho e formação docente na educação profissional** [recurso eletrônico] – Dados eletrônicos (1 arquivo: 586 kilobytes) – Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. - (Coleção formação pedagógica; v. 3).

MOURA, Dante Henrique. **A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica.** Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, Brasília, v. 1, n. 1, p.23-38, jun, 2008.

ORSO, Paulino José. **O desafio da formação do educador na perspectiva do Marxismo.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial, p. 58-73, abr. 2011.

PEGORINI, Diana Gurgel. **Fundamentos da educação profissional: política, legislação e história.** 1ª ed. InterSaberes, 2020.

RIOS, Terezinha Azevêdo. **Ética na Docência Universitária: a caminho de uma universidade pedagógica?** Pedagogia Universitária: caminhos para a formação de professores. Org. Selma Garrido Pimenta, Maria Isabel de Almeida. São Paulo: Cortez, 2011.

SAVIANI, Demerval. **O Papel do Pedagogo como Articulador do Trabalho Pedagógico na Sociedade Capitalista.** Palestra – UENP - Cornélio Procópio, em 8 de março de 2012.

SAVIANI, Demerval. **Os saberes implicados na formação do educador.** In BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; SILVA JÚNIOR, Celestino Alves da. Formação do Educador: dever do estado, tarefa da universidade. São Paulo: Editora da UESP, 1996.

SILVA, Kátia Curado P. Cordeiro. **Epistemologia da Práxis na Formação de Professores: perspectiva crítico-libertadora.** Revista Ciências Humanas. Frederico Westphalen – RS. Vol. 18, n. 2, p. 121 – 135, set./dez. 2017.